

Os estudantes de medicina diferem de acordo com o acesso pré-clínico ou clínico à iniciação científica?

Do medical students differ according to preclinical or clinical access to undergraduate research?

Dejano Tavares Sobral¹  | dtsobral@gmail.com; dtsobral@unb.br

Apreciei a leitura do interessante estudo de Santos et al. sobre iniciação científica¹. Os autores aplicaram um questionário relevante a uma amostra representativa de estudantes de sete escolas de medicina de Salvador. Eles tiveram como objetivo verificar os múltiplos fatores envolvidos na exposição à pesquisa dos estudantes de medicina¹.

Dentre os achados, os autores confirmaram a alta prevalência de interesse (e motivação para) o envolvimento em pesquisas em amostras de estudantes de medicina brasileiros, como relatado em estudos anteriores^{2,3}. Eles também não notaram nenhuma variação na motivação para a pesquisa entre estudantes pré-clínicos e clínicos e ofereceram evidências desejáveis da produtividade do programa em termos de publicações de coautoria dos alunos¹. Novamente, este estudo registrou os obstáculos, percebidos pelos estudantes de medicina, na disponibilidade de tempo, orientação do corpo docente e oportunidades e recursos institucionais para seu engajamento em pesquisas adequadas e produtivas¹⁻³.

Minhas observações adicionais dizem respeito à diferenciação entre exposição à pesquisa de início precoce (pré-clínica) e início tardio (clínica) com base na motivação e expectativas dos alunos. Essa distinção não foi revelada naquele estudo¹.

Em contraste, ofereço abaixo achados sobre antecedentes, experiências e resultados da exposição à iniciação científica em um programa médico de uma universidade pública. Esses achados decorrem da compilação de dados envolvendo as 55 turmas semestrais em três décadas do currículo intermediário do programa médico.

Assim, referente à iniciação científica, 112 alunos ingressantes iniciais – em comparação com 572 alunos ingressantes tardios – apresentaram as seguintes diferenças, expressas em porcentagens, *odds ratio* (OR) e intervalos de confiança (IC):

- A. Maior frequência de tutoria por pares no segundo semestre em cursos de ciências básicas (28,2% vs. 12,5%, OR = 2,8, IC 95% = 1,8; 4,2).
- B. Maior atração pela carreira de pesquisador (27,0% vs. 15,3%, OR = 2,0, IC 95% = 1,1; 3,7), após o primeiro ano de estudos médicos.
- C. Maior duração (dois anos ou mais) de iniciação científica (28,0% vs. 10,7%, OR = 3,3, IC 95% = 2,1; 3,9).
- D. Maior produtividade, em termos de publicações em coautoria (20,6% vs. 13,6%; OR = 1,6, IC 95% = 1,1; 2,6).
- E. Maior aceitação (e conclusão de) um programa de doutorado nas melhores universidades (11,5% vs. 4,4%, OR = 2,8, IC 95% = 1,1; 7,6).

Da mesma forma, a análise de um estrato (N = 1307) com dados da Escala de Motivação Acadêmica⁴, revelou que os alunos com início precoce – em comparação com os alunos de início tardio – mostraram um índice mais baixo de motivação controlada (M = 3,65 DP = 1,31 vs. M = 4,01 DP = 1,34; d = 0,266, IC 95% = 0,040; 0,492). No entanto, eles mostraram um índice igualmente superior de motivação autônoma. Além disso, os participantes de início precoce foram a maioria no grupo de alunos (minoritários) com níveis mais altos de motivação autônoma, combinados com níveis mais baixos de motivação controlada. Em contraste, não houve distinções notáveis na idade de admissão, distribuição por sexo e média de notas entre alunos de início precoce e tardio (todos p > 0,14).

Em conclusão, ao contrário do que sugere Santos et al.¹, os resultados acima denotam diferenças notáveis entre os participantes com início precoce e tardio da exposição à pesquisa, que podem estar relacionadas a diversas origens, mentalidades ou influências de mentoria.

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Editora-chefe: Rosiane Viana Zuza Diniz.

Editor associado: Daniela Chiesa.

Recebido em 03/09/24; Aceito em 16/10/24.

Avaliado pelo processo de double blind review.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Dejano Tavares Sobral foi responsável pela concepção, análise e interpretação dos dados, redação da minuta e envio desta carta à Revista Brasileira de Educação Médica

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Declaramos não haver financiamento.

REFERÊNCIAS

1. Santos FSM, Carvalho SFC, Freitas Junior LRC, Oliveira IA, Cunha CLS, Avena KM. Teaching scientific research in medical graduation: is there interest and involvement of the students? *Rev Bras Educ Med* 2023; 47 (3):1-8. DOI: 10.1590/1981-5271v47.3-2022-0260
2. Oliveira CC, Souza RC, Abe EHS, Móz LES, Carvalho LR, Domingues MAC. Undergraduate research in medical education: a descriptive study of students' views. *BMC Med Educ* 2014, 14:51. DOI: 10.1186/1472-6920-14-51
3. Moraes DW, Jotz M, Menegazzo WR, Menegazzo MS, Veloso S, Machry MC, et al. Interest In research among medical students: challenges for the undergraduate education. *Rev Assoc Med Bras.* 2016;62(7):652-8. DOI: 10.1590/1806-9282.62.07.652
4. Sobral DT. What kind of motivation drives medical students' learning quests? *Med Educ.* 2004;38(9):950-7. DOI: 10.1111/j.1365-2929.2004.01913.x



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.